



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

**TRÂNSITOS ENTRE O EU E O OUTRO: UMA ANÁLISE DA POÉTICA
AUTOBIOGRÁFICA EM *BOITEMPO***

**TRANSITIONS BETWEEN THE SELF AND THE OTHER: AN ANALYSIS OF THE
AUTOBIOGRAPHIC POETIC IN *BOITEMPO***

Mirella Carvalho do Carmo¹ (UFLA)
Andréa Portolomeos² (UFLA)

Resumo:

O presente trabalho visa entender a configuração do espaço biográfico na poesia, centrando-se na autobiografia enquanto um gênero aberto e não linear. Essa discussão mostra-se incontornável para a problematização de uma leitura mais ingênua direcionada às memórias poéticas, haja vista que, conforme assinala Arfuch (2010, 2012), não há a possibilidade de haver uma transposição identitária literal entre o autor e o eu lírico, ainda que ambos apresentem o mesmo nome no relato de suas experiências e na vida empírica. Pensando nisso, discute-se, à luz de Pedrosa (2011), sobre a compreensão da subjetividade enquanto um efeito aberto de vivências várias que, por sua vez, engendra um olhar interrogativo sobre a questão da temporalidade. Este trabalho ancora-se também nas postulações teóricas de Hoisel (2019), Lejeune (2014), Smith (1971) e Iser (1996, 2002) para analisar a construção dos traços autobiográficos na lírica memorialística, bem como para investigar a postura astuciosa dos leitores diante dos registros poéticos das memórias. O trabalho propõe uma análise da trilogia *Boitempo I* (1968), *Boitempo II – Menino Antigo* (1973) e *Boitempo III – Esquecer para lembrar* (1979), de Carlos Drummond de Andrade, contando também com o aporte crítico de Candido (2000) e Villaça (2006) com o intuito de perceber o modo com que a energia mnemônica constante nas três obras selecionadas propicia a reelaboração poética do passado. Depreende-se deste estudo que a lírica memorialística de Drummond revela-se como um lugar de encenação das vivências de um sujeito múltiplo, imerso em sua contemporaneidade, fato que, em última análise, transforma a autobiografia em heterobiografia.

Palavras-chave: Poesia. Autobiografia. Memória. Leitor. Boitempo.

Abstract:

This work aims at understanding how the biographic space is organized in poetry, focusing on autobiography as an open and non-linear genre. This discussion is essential to problematize a more naïve reading of poetic memory, given that, as Arfuch (2010, 2012) points out, a literal identity transposition between the author and the speaker, even though both of them use the same name in the telling of their experience and in the empirical life. Therefore, based on Pedrosa (2011), we discuss the understanding

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: carvalho.m2108@gmail.com.

2 Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da graduação e da pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras (FAELCH/ UFLA). E-mail: andrea@ufla.br.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

of subjectivity as an open effect of several life experiences which, in turn, creates an interrogative perspective on the matter of temporality. This work is also grounded on the theories of Hoisel (2019), Lejeune (2014), Smith (1971), and Iser (1996, 2002) to analyze the construction of self-biographic traits on memorialistic poetry, as well as to investigate the cunning posture of readers before the poetic registration of memories. This work proposes a study of trilogy *Boitempo I* (1968), *Boitempo II - Menino Antigo* (1973), and *Boitempo III - Esquecer para lembrar* (1979), by Carlos Drummond de Andrade, also based on the contribution of Candido (2000) and Villaça (2006), in order to understand how the mnemonic energy in the three selected works provides a poetic reconstruction of the past. From this study, we infer that the memorialistic poetry of Drummond reveals itself as a performing place of a multiple subject, immersed in his contemporaneity, a fact that, at a last analysis, transforms autobiography into heterobiography.

Key words: Poetry. Autobiography. Memory. Reader. Boitempo.

Introdução

A autobiografia é um gênero tradicionalmente regido pelos princípios da autenticidade, da legitimidade e da unidade, na medida em que se propõe a retratar, da maneira mais fidedigna possível, as vivências de uma determinada pessoa. Nessa perspectiva, Philippe Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa³ que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Dessa forma, tem-se a verificabilidade como um dos pilares do gênero autobiográfico, já que os fatos relatados precisam, em tese, ter sido vividos para que, assim, possam ser verificados e certificados como reais. Todavia, o autobiográfico, quando transposto ao terreno ficcional, necessita ser repensado, uma vez que os anteriores valores de autenticidade e unidade cedem espaço, na poesia autobiográfica, para as incertezas e para as variadas alteridades que constituem o sujeito. Assim, o aspecto autobiográfico na lírica viabiliza a coexistência das diversas versões identitárias no processo fragmentário de subjetivação do eu no poema.

Sendo assim, este artigo busca apresentar um recorte analítico da trilogia *Boitempo*, de Drummond, a fim de investigar o modo com que as memórias do *eu* transitam pelas memórias

3 A definição de Lejeune (2014) é válida para pensarmos, inclusive, que a autobiografia convencional está ligada ao gênero prosaico, e não ao poético. No entanto, neste artigo analisaremos o autobiográfico na poesia, o que nos conduz, uma vez mais, a refletir sobre uma reformulação do sentido canônico da autobiografia.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

do *outro*, num jogo lírico entre o autobiográfico e o heterobiográfico⁴. No entanto, antes de nos direcionarmos, de modo mais específico, para o estudo da obra do poeta itabirano, é incontornável percorrermos uma trajetória teórica⁵, mesmo que breve, que englobe aspectos fulcrais desta pesquisa. Pensando nisso, discutiremos sobre o entrelaçamento dos gêneros autobiografia e poesia que, por sua vez, lança luz sobre um gênero híbrido, não linear. Analisaremos, também, a forma com que a poesia autobiográfica, proveniente da fusão de dois gêneros canônicos, impacta o polo da recepção e solicita, do leitor, um posicionamento mais crítico e atento. Feito isso, teremos alicerces para efetivar um estudo de caso da lírica memorialística de Drummond.

Um gênero híbrido: entre a autobiografia e a poesia

*[...] mas de tal jeito urdidos
o jogo e a confissão
que nem distingo eu mesmo
o vivido e o inventado.
Tudo vivido? Nada.
Nada vivido? Tudo.*

(Carlos Drummond de Andrade).

A construção do espaço autobiográfico na poesia é analisada por Evelina Hoisel (2019) no capítulo “Bioficções: vozes expandidas”. Na perspectiva da autora, a escrita dos poetas autobiógrafos é perpassada pelas inúmeras alteridades do sujeito, na medida em que as bioficções (ou escritas de si) intensificam a capacidade de o sujeito enxergar-se e projetar-se no *outro*. Nesse viés, Hoisel (2019) trabalha com a ideia de *performance*, na qual a vida dos poetas

⁴ É importante frisar que o termo heterobiografia, que aparecerá também em outros momentos deste artigo, faz referência à biografia de um grupo social.

⁵ O aporte teórico deste artigo seguirá o recorte realizado no momento da submissão da proposta ao evento. Isso significa que a inserção de novas perspectivas teóricas, advindas com o avanço da pesquisa, não serão abordadas. Em suma, o artigo se atentarà à discussão realizada no instante da apresentação oral.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

é ficcionalizada na escrita, possibilitando que o texto se torne palco para as encenações das múltiplas identidades que constituem o sujeito. Assim sendo, esses textos - poéticos e autobiográficos - podem ser lidos como escrituras de um autor que é, concomitantemente, um ator, isto é, um sujeito que performatiza a própria vida no texto literário. Dito isso, faz-se necessário pensar a ampliação do gênero autobiografia, uma vez que os limites fronteiriços entre ficção e realidade, vida e obra, autenticidade e inautenticidade se tornam discutíveis e, mais do que isso, ensaiáveis.

[...] bioficção e autoficção são formas que efetuam o deslocamento das concepções tradicionais de biografia e de autobiografia; e se [...] elas aportam assumindo o estatuto do indefinível e do inclassificável é por estamparem o teor de ficcionalidade de todo discurso (HOISEL, 2019, p. 106).

À vista dessa reconfiguração do gênero autobiografia, Leonor Arfuch (2012) tece reflexões acerca da questionável coincidência entre as vivências do autor - sujeito empírico - e as do eu lírico. Nesse caminho, ela assinala que é preciso considerar os processos de ficcionalização que impossibilitam a ocorrência de uma transposição literal da vida real para a ficção. Desse modo, Arfuch (2012) afirma que mesmo nos casos de homonímia, em que autor e eu lírico compartilham o mesmo nome, não se pode pensar em uma coincidência identitária direta.

Em diálogo com Arfuch (2012), Smith (1971) entende a poesia como um gênero ficcional, mimético. Para tanto, ela distingue dois tipos de enunciados: os naturais e os fictícios. Os enunciados naturais são aqueles que não possuem natureza ficcional, isto é, eles se situam nos discursos do cotidiano e da ciência, por exemplo. Já os enunciados fictícios, como o nome sugere, são aqueles marcados pela ficcionalidade, pela ação do imaginário. Nesse sentido, o poema é, segundo a autora, pertencente à categoria dos enunciados fictícios, na medida em que a palavra poética não deve ser concebida como um ato verbal em si, mas sim como representação desses atos. Por isso, Smith (1971) postula que:

As declarações em um poema, é claro, podem se assemelhar muito a declarações que o poeta poderia verdadeira e sinceramente ter enunciado enquanto criatura histórica no mundo histórico. No entanto, enquanto elas



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

forem oferecidas e reconhecidas como declarações em um poema, elas são fictícias (SMITH, 1971, p. 269).

No tocante à ficcionalização do sujeito no poema, é válido retomar, mesmo que de forma sucinta, o conceito de ficção proposto pelo teórico alemão Wolfgang Iser (2002), no qual são discutidas estratégias ficcionais que propiciam uma transgressão da realidade vivencial pela via do imaginário. Para isso, Iser (2002) propõe a relação triádica - real, fictício e imaginário - como uma característica do texto literário, haja vista que os atos de fingir que se fazem presentes no momento da produção se fundem com o imaginário do leitor, no polo da recepção, para transgredir os limites dos saberes pré-estabelecidos cultural e socialmente. Aliás, a partir dessa tríade (real- fictício - imaginário), Iser (2002) busca refutar o “saber tácito” que distingue realidade e ficção com base em uma relação opositiva. Assim, a perspectiva de Wolfgang Iser contribui para que possamos repensar e ensaiar definições, no plural, para os gêneros literários canônicos, tais como a autobiografia e a poesia. Há, portanto, um desafio para nós, pesquisadores, sobretudo se considerarmos o contexto da pós-modernidade, de traçarmos caminhos possíveis, e ao mesmo tempo provisórios, para a conceituação da categoria de sujeito lírico, que se encontra em expansão, bem como do próprio conceito de literatura, uma vez que o campo literário está, com o passar do tempo, ampliando seus (des)limites e se abrindo para o diálogo com outros campos do conhecimento e da vida humana.

O leitor do autobiográfico na poesia

Para desenvolvermos uma noção de leitura literária, adotamos, neste trabalho, as concepções de Evelina Hoisel (2019) e Wolfgang Iser (1996). Dito isso, Hoisel (2019) trabalha com a ideia de um leitor astucioso⁶, isto é, um leitor mais engajado e comprometido com a leitura do texto. Essa proposta é válida, pois conforme assinala a própria autora, os poetas autobiógrafos recriam suas experiências a partir de um jogo paradoxal e ambíguo, no qual coexistem *eus* legítimos e ilegítimos. Assim, esse tipo de escrita fornece pistas de leituras que solicitam um maior empenho do leitor, de modo que a capacidade imaginativa do leitor seja

⁶ A nomenclatura *leitor astucioso* foi tomada de empréstimo dos estudos desenvolvidos por Evelina Hoisel (2019).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

protagonista no processo de leitura e de significação do texto poético. Essa perspectiva de Hoisel (2019) está em sintonia com o pensamento de Iser (1996), já que o teórico defende a existência de “espaços vazios” na construção do texto literário que, por sua vez, demandam uma postura ativa do leitor. Em vista disso, Iser ressalta que a potência semântica do literário se efetiva, até certo grau, nessas “zonas indeterminadas” do texto, na medida em que elas tendem a intensificar a ação do imaginário de cada leitor, fato que possibilita a construção de diversos sentidos para uma mesma obra ao longo do tempo.

Em síntese, Iser (1996) e Hoisel (2019) concebem o leitor como uma figura ativa e arguta para interagir e cooperar imaginativamente com um tipo de texto que cede espaço para múltiplas interpretações, como é o caso da poesia autobiográfica.

[...] Trata-se, portanto, de delinear o perfil de um leitor compromissado com determinados protocolos de leitura, utilizando-se de aparatos interpretativos para sustentar os seus investimentos afetivos, pois [...] a leitura se processa em um entrelugar da afetividade e do saber. Saber precário, que não se quer totalitário nem totalizante, mas também nada tem de liberal, no que diz respeito a conferir ao texto um sentido consistente e unívoco (HOISEL, 2019, p. 91).

Pensando no fator da afetividade, citado por Hoisel no trecho destacado acima, recorreremos aos estudos de Philippe Lejeune (2014) que analisa uma maior adesão, por parte dos leitores, aos poemas enunciados em primeira pessoa (*eu*), pois esses textos tendem a desencadear um sentimento de autoidentificação. Dessa forma, ocorre um compartilhamento afetivo entre leitor, texto e autor, já que, como diz Lejeune (2014), quando o poeta se autorreferencia ele coloca suas palavras à disposição do leitor, palavras estas que servem de roupagem para as nossas experiências. No mais, Lejeune (2014) estabelece diálogo com a ideia de leitura literária defendida por Iser (1996), haja vista que ele também nota a presença de “lacunas” no texto literário. Para isso, Lejeune compara a composição da poesia autobiográfica a um buquê japonês, tecido de rendas e constituído de “espaços” que instigam o imaginário do leitor.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Do eu para o outro: a perspectiva autobiográfica em *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade

[...] isso a que chamo de “minha experiência de vida” e isso a que chamo “meus escritos” [...] são eu não sendo eu?

(Silviano Santiago)

Em seu ensaio intitulado “Poesia e ficção na autobiografia”, Antonio Candido (2000) observa que em *Boitempo I* (1968) e *Boitempo II* (*Menino Antigo* - 1973) o eu lírico efetua um duplo afastamento do seu *eu* presente, o que viabiliza a transcendência da perspectiva individual. No primeiro movimento, o *eu* se vê como um adulto que observa o seu passado e o passado de sua família como sendo objetos externos a ele, isto é, ele olha para o mundo como se fosse um grande espetáculo. Já no segundo movimento, o eu lírico se percebe como um adulto que observa seu passado e sua vida não como expressões de si, mas como parte constitutiva do mundo, do qual ele faz parte. Nesse instante, o *eu* continua percebendo o mundo como um espetáculo, mas, agora, ele também se reconhece como peça, como parte desse espetáculo.

Dito isso, é importante enfatizar que esse distanciamento possibilita ao leitor astucioso a realização de uma leitura de dupla entrada, na medida em que há, em grande parte dos poemas de *Boitempo*, conforme analisa Candido (2000), um uso indistinto de 1ª e 3ª pessoas. Sendo assim, o leitor dessa lírica pode ler essas memórias poéticas simultaneamente como experiência pessoal do *eu* e como heterobiografia, como uma biografia de grupo. Desse modo,

A experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade; sem sacrificar o cunho individual, filtro de tudo, o Narrador poético dá existência ao mundo de Minas no começo do século (CANDIDO, 2000, p. 56).

Essa perspectiva heterobiográfica também é confirmada por Pedrosa (2011), autora que compreende que a subjetividade lírica em Drummond se configura em aberto pela convivência com o *outro*, ou seja, com todos aqueles com os quais o indivíduo compartilha o mesmo tempo



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

e o mesmo mundo (PEDROSA, 2011). Por conta disso, Pedrosa (2011, p. 21) percebe o lirismo de Drummond a partir de uma subjetividade que “se impõe, se expõe, mas também se abisma em perplexidades, lacunas e vertigens”. Essa noção lacunar do sujeito poético é peça chave para esta pesquisa, na medida em que rompe com a perspectiva de unidade do sujeito proposta pelas autobiografias tradicionais. A respeito disso, já é possível notar uma ampliação do gênero quando analisado sob a ótica da poesia, uma vez que o *eu* que se enuncia no texto amplifica sua voz e atinge as vivências do *outro*, de seus contemporâneos, utilizando de suas palavras não só para a reconstrução ficcional de si mesmo, mas também para a escrita da biografia de seu grupo. Nessa linha de raciocínio, entende-se o eu lírico em Drummond como um sujeito “construtivamente incompleto, modelado pela linguagem, cuja dimensão existencial é dialógica, aberto a (e construído por) um Outro: um outro que pode ser tanto o você da interlocução quanto a própria condição de ser outro da linguagem” (ARFUCH, 2012, p. 16).

Tendo em vista esse desdobramento das memórias do *eu* para as memórias do *outro*, analisaremos, brevemente, o poema “Paredão”, publicado em *Boitempo II*:

Paredão

Uma cidade toda paredão
Paredão em volta das casas.
Em volta, paredão, das almas.
O paredão dos precipícios.
O paredão familiar.
Ruas feitas de paredão.
O paredão é a própria rua,
onde passar ou não passar
é a mesma forma de prisão.
Paredão de umidade e sombra,
sem uma fresta para a vida.
A canivete perfurá-lo,
a unha, a dente, a bofetão?
Se do outro lado existe apenas
outro, mais outro, paredão?

Neste poema, as memórias individuais do poeta podem ser interpretadas como uma metáfora do conservadorismo das cidades mineiras do interior. Esse conservadorismo “emparedava” o comportamento e os sentimentos dos sujeitos [“Paredão em volta das casas/ Em volta, paredão, das almas”] que viviam nesse grupo social, incluindo o próprio poeta, que



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

também pertencia a essa sociedade. Por isso, há, aqui, um movimento intermitente que vai das lembranças e vivências do *eu* para as lembranças e vivências do *outro*, daqueles com os quais o poeta compartilhava o mesmo tempo e espaço.

Além de Candido (2000) e Pedrosa (2011), Villaça (2006) evidencia a ocorrência de um entrecruzamento de duas vozes na maioria dos poemas de *Boitempo*: a voz do poeta que fala pelo menino e a voz do menino que fala pelo poeta. Esse ressoar de vozes permite com que o passado seja atualizado e revivido, imaginativamente, no instante presente da enunciação poética. Isso acontece, pois o poeta maduro, ao se enunciar no poema, cruza a sua voz com a voz do menino antigo, que representa a infância e o passado. Nesse sentido,

[...] tudo o que poderia ser pura lembrança ressurge com o impacto do que é vivido no aqui e no agora do menino antigo, e não *in illo tempore*. [...] trata-se não apenas de evocar uma percepção antiga, na ilusão de revivê-la tal e qual se deu, mas de construir com ela (e para ela) uma nova percepção (VILLAÇA, 2006, p. 114).

Pensando nessa recriação do passado e no ressoar de vozes, realizaremos uma leitura crítica do poema “Coleção de Cacos”, publicado em *Boitempo III*:

Coleção de Cacos

Já não **coleciono**⁷ selos. O mundo me **enquizila**.

Tem países demais, geografias demais.

Desisto.

Nunca chegaria a ter um álbum igual ao do Dr. Grisolia, orgulho da cidade.

E toda gente **colecciona**
os mesmos pedacinhos de papel.

Agora **coleciono** cacos de louça
quebrada há muito tempo.

Cacos novos não **servem**.

Brancos também não.

Têm que ser coloridos e vetustos,
desenterrados — faço questão — da horta.

Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,
restos de flores não conhecidas.

Tão pouco? Só o roxo não delineado,
o carmesim absoluto,

7 Os verbos conjugados no presente foram destacados para facilitar a análise do poema.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

o verde não sabendo
a que xícara serviu.
Mas eu **refaço** a flor por sua cor,
e é só minha tal flor, se a cor **é** minha
no caco da tigela.
O caco **vem** da terra como fruto
a me aguardar, segredo
que morta cozinheira ali depôs,
para que um dia eu o desvendasse.
Lavar, lavar com mãos impacientes
um ouro desprezado
por todos da família. Bichos pequeninos
fogem de revolvido lar subterrâneo.
Vidros agressivos
ferem os dedos, preço
de descobrimento:
a coleção e seu sinal de sangue;
a coleção e seu risco de tétano;
a coleção que nenhum outro imita.
Escondo-a do José, por que não ria
nem jogue fora esse museu de sonho.

Neste poema, a presentificação do passado e o cruzamento de vozes se materializam pelo uso do tempo verbal no presente. Nesse viés, nota-se um sentimento de comunhão entre o poeta e o menino, já que a tarefa infantil de “coleccionar cacos coloridos desenterrados da horta” se expande para o fazer poético do poeta velho, este que é um coleccionar de memórias, “quebradas há muito tempo”, e de fragmentos de subjetividades.

À vista dessa comunhão entre poeta e menino, encaminhamos nossa discussão para as considerações finais recorrendo às palavras de Villaça (2006) que nos leva à reflexão de que:

Fazer poesia, a par de não ser uma tarefa inconsequente, pois desde a infância da humanidade o homem tem prazer nela, é também uma atividade em que a consciência lírica acaba por enfrentar seus desejos, suas contradições íntimas, sua instabilidade histórica, sua frustrada metafísica. O menino esconde sua coleção de cacos para que o irmão José não ria dele; quando adulto, saberá que também um poeta é um ser chaplinianamente exposto à galhofa, caminhando numa estrada de pó e de esperança (VILLAÇA, 2006, p. 121).

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender, num primeiro momento, a construção do espaço autobiográfico na poesia e a consequente reformulação do conceito tradicional do



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

gênero autobiográfico. Posteriormente, discorreremos sobre o papel decisivo do leitor enquanto um coautor dos sentidos do poema, como um sujeito que colabora, imaginativamente, com o autor para a construção e reconstrução de experiências e memórias. Feito isso, direcionamos o nosso estudo para a análise da trilogia *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, efetuamos um recorte que contemplou a leitura crítica de dois poemas: “Paredão”, de *Boitempo II- Menino Antigo* (1973), e “Coleção de Cacos”, de *Boitempo III- Esquecer para Lembrar* (1979). Assim, percorremos os aspectos centrais da trilogia memorialística, de modo a concluirmos que *Boitempo* é uma lírica em que o *eu* e os *outros* caminham lado a lado sendo, portanto, uma poesia que se lança e se dilata aos olhares e às vivências dos *outros*. Em linhas breves, podemos afirmar que uma das potências dessa poética drummondiana reside, sobretudo, no desdobramento da perspectiva individual que, por sua vez, representa os sentimentos de uma coletividade.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Esquecer para lembrar**: Boitempo III. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo & A falta que ama**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Menino antigo**: Boitempo II. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973.

ARFUCH, Leonor. Antibiografias? Novas experiências nos limites. Trad. Dênia Silveira. In: SOUZA, Eneida et al. (Orgs.). **O futuro do presente**: arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CANDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In:_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

HOISEL, Evelina. Bioficções: vozes expandidas. In:_____. **Teoria, crítica e criação literária**: o escritor e seus múltiplos, Evandro Nascimento (Organizador.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

HOISEL, Evelina. O leitor astucioso. In: _____. **Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos**, Evandro Nascimento (Organizador.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, L. C. **Teoria da Literatura em suas fontes**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-987.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. 2. ed. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PEDROSA, C. Representação da aurora: poesia e história em Carlos Drummond de Andrade. In: _____. **Ensaaios sobre poesia e contemporaneidade**. Niterói: EDUFF, 2011. p. 19-35.

SMITH, Barbara Herrnstein. Poetry as fiction. **New Literary History**, 2, 2: 259- 281, 1971.

VILLAÇA, A. Poética da memória. In: _____. **Passos de Drummond**. São Paulo: Duas cidades, 2006. p. 107-123.